

A Bibliotheca Humana
Corte

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I Desterro - Domingo 22 de Junho de 1879 N. 28

O ARTISTA

Desterro, 22 de Junho de 1879.

O communismo Luz da razão e da historia.

Se homens acanhados pela deficiencia de luzes intellectuaes, e espiritos cultivados em demasia, mas completamente transviados da senda que lhes traçou a Providencia, já por uma educação de-leixada ou perversa, já pelos exemplos perniciosos, já pela falta de energia e coragem nos soffrimentos que advem inopinadamente, julgão-se com o direito de condemnar ao mais detestavel ostracismo e de ridicularisar, lastimando algumas vezes, a posição independente que assume um adopto sincero da escola communista; cremos que ainda nos deve restar um pouco de liberdade (emquanto não fôr-nos negado respirar) para provarmos já no terreno dos principios, já no dos factos, a praticabilidade da communa.

Se puderem convencer-nos com serios argumentos da não praticabilidade da virtude, negaremos então com toda a vehemencia a existencia de Deus, porque não podendo ser elle senão o Summo

Bem, a Justiça, o Bello, o Incommensuravel, o Infinito, jamais a virtude deixaria de obter foros de realisação. Isto posto, a virtude é praticavel.

Ora o communismo é a virtude manifestando-se por varias modalidades em todos os ramos dos conhecimentos humanos; é o regimen da recta liberdade, segundo as normas estabelecidas pelos grandes reformadores sociaes, especialmente pelo inimitavel Genio, que do alto da Cruz lançou-nos, de envolta com o sangue do martyrio, o coligo solemne da nossa reabilitação social.

Christo pregou sempre o communismo; não ha negal-o. Só por meio de subtilizas e sophismas, afirmar-se-ha o contrario. Nos capitulos 6º, 20º e 25º de S. Matheus, 13º de S. João, 10º de S. Marcos, 6º de S. Lucas e na oração dominical temos a prova evidente de que a communa é o unico regimen social legitimo e de accordo com os eternos principios, que Deus imprimio-nos na consciencia.

Para a leitura meditada d'esses escriptos convidamos os nossos leitores.

O que quer o communismo?—a associação universal; a educação popular; a liberdade de cultos e de consciencia; a organização do trabalho; o trabalho de cada um, segundo suas forças, para todos, e o de todos para cada individuo; a pro-

priedade social; extincção de privilegios; igualdade de direitos; suffragio universal; elegibilidade etc., etc., etc.

Um systema politico pois que assenta sua base na razão, na religião e na virtude, será impraticavel? Nunca passará de *utopia* risivel, nunca triumphará dos poderosos inimigos que ha tantos seculos o perseguem, já com as armas de uma igreja anti-christã, porque anti-igualitaria, já com os pezados canhões, que os thronos, para garantirem suas prerogativas sem razão de ser, postão em todas as direcções?

Um systema de governo que estabelece a comunidade de bens, de gosos e de direitos, em que o primeiro é o ultimo e o ultimo primeiro, pôde offender a moral e a virtude e a Deus? Não! Logo é praticavel.

Como pois se afirma com arrogancia que a *propriedade* não é um roubo, que o *privilegio* não é um escandalo, que a *concorrência* não é a causa da miseria do povo?

Mais tarde trataremos d'esta questão.

Tem-se-nos dito innumeras vezes que a doutrina christã ou Communista só pode realizar-se n'um paiz do anjos, mas nunca entre homens.

A esses responderemos alto e sem re-

FOLHETIM 9

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

E, se o dono ainda fôr o mesmo, o que é possível, porque era um homem pouco mais ou menos da minha idade, estou que ficará satisfeito.

Confesso-lhe que me sentei á meza com certa voluptuosidade. Havia vinte e oito horas que eu não comia.

Estava tomando a minha chavena de café quando me appareceu o dono do hotel.

—Está satisfeito? perguntou elle.
—Satisfeitissimo.

—Pela minha parte, acha-se tudo prompto. Já estão postos os cartazes.

—E tenciono fazer-lhes hora. Agora pôde-me dizer como hei de voltar a Marselha? Descjava partir amanhã.

—Está justamente no porto um lindissimo brigue que se faz de vela amanhã pela manhã para Toulon. O capitão é meu amigo, um verdudeiro lobo do mar.

—Ch! e eu que demais a mais nunca fui a Toulon. Folgo immenso de poder lá ir.

Pois é aproveitar a occasião.

—Mas é que tenho medo do mar.—E' exacto, tenho medo...Sou como o senhor Méry.

—Ora adeus! o mar agora está de leite!

—Quando tempo pôde durar a viagem?

—Seis horas, quando muito.

—E' uma bagatella. Pois vou no brigue.

Realizou-se o concerto á hora marcada, a minha modestia não me permittia dizer mais. Recebi pontualmente os cem escudos; e no dia seguinte, depois de ter dado aos creados por gorgeta uma aria de violoncello, embarquei no brigue *A Virgen das sete dôres*, capitão Garnier.

Sucedeu o que eu previra, apenas puz o pé na tolda, o que, se não fosse para o meu camarote, estava prompto.

Ao cabo de duas horas, e quando principiava a ir um pouco melhor, senti grande bulha lá por cima, depois ouvi o tambor, julguei que era o signal para o almoço.

—Meu amigo, disse eu a um marinheiro que levava um braçado de espadas,

ceio que nos condemnem á força:—Infelizes ignorantes, miseros ambiciosos, illustrações pervertidas, porque ides ao templo e vos curvais diante de um crucifixo, se o vosso unico pensamento é a eterna salvação, conquistada pela pratica de vicios detestaveis; se é o ouro para lançar ao abysmo da prostituição as flores que desbrochão puras ao sol da virgindade; se é a aspiração aos applausos de uma insignificante minoria, que se fez maioria pela ambição do clero ligada a prepotencia dos reis? porque jurais crer que n'uma particula de trigo existe a propria Divindade, quando, após a communhão, ides commetter tão horrendos sacrilegios, que fazião estremeceer de terror os mais ousados athletas do paganismo?

Como vedes na hostia o corpo e o sangue do vosso Deus, e o considerais tao insano e impotente, que se fizesse homem, só com o fim pueril de ser victima do ludibrio e da furia dos saltadores entronisados dos seus infames satellites?!

Respondei-nos com vantagem...

Não se pode estabelecer a communa? não se pode praticar a virtude? o Evangelho é apenas uma colleção de idéas utopicas? o Christianismo não tem direito de existencia no mundo sublunar?

Pois bem! queimai o evangelho, arrasai os templos, rasgai a historia, entregai-vos de corpo e alma a s sacrificadores da vossa independência, da vossa honra, do vosso talento. Séde coherentes renegando de vez o Christo, ja que fugis á pratica de sua doutrina.

Beijai os rastros sanguinolentos dos reis e dos papas, dos fidalgos corruptos e dos villões ambiciosos. Negai a verdade *totis viribus*, que mais alto do que a vossa satânica hypocrisia bradão *es factos* antigos e hodiernos.

Miseros! nem sois dignos do nosso desprezo; sois antes dignos de compaixão...

Tendes o castigo dos vossos crimes no remorso que vos róe a consciencia.

Falle por nós agora o divino Socrates:

« Convem a felicidade para todos, sem opulencia nem pobreza. Até agora tem encerrado os paizes todos dois povos INIMIGOS,—os *ricos* e os *pobres*. O *meu* e o *teu* tem sido sempre a causa dos males da sociedade. Só no Communismo encontra-se o remedio para o mal. »

Platão, o grande philosopho geginense, appellado divino, que Barbe considera a *alma mais pura, mais bella, mais desinteressada, que tem honrado o mundo antigo e a humanidade, abstração feita de Jesus Christo*; esse vulto grandioso que, para tornar-se digno do seu preceptor, tomou-lhe as virtudes e os principios, conduzido em triumpho a Syracusa pelos seus admiradores (em cujo numero se contava o PRINCIPE Dion da Sicilia) recusou dar constituições aos Arcadios, Thebanos, Cyrenões, Syracusanos etc., etc., porque esses povos não querião admitir a *igualdade de fortuna*. Aristoteles, que havia affirmado que lhe parecia impraticavel a communa, diz:

« Não quero a opulencia nem a riqueza, quero a mediocridade de fortuna *para todos*, quero o justo meio, quero a soberania popular, o *suffragio universal*, as refeições publicas, communs e gratuitas, e o Communismo n'uma parte das terras consagradas a fornecer, já para essas refeições, já para a nutrição do povo. »

Lycurgo, o grande legislador Spartanico, irmão de um rei; depositario do poder do povo, estabeleceu a igualdade e quasi o communismo, obtendo dos ricos o abandono das suas propriedades, dividindo as terras entre os seus concidadãos e estabelecendo a *igualdade de fortuna e de educação*.

Quando Agis, rei de Sparta, trahido pelos ricos, condemnado á morte por instigações de um rei, que lhe devia a vida, respondia no tribunal aos que o

accusavão por ter estabelecido em sua patria a Igualdade e o Communismo, soitava elle estas memoraveis palavras:

« Não me arrependo do que fiz: admirador de Lycurgo, quiz imital-o pondo em pratica as suas leis; jamais me arrependerei de uma empreza tao bella, tao nobre, tao virtuosa, embora tenha de receber a morte... »

Cleomenes, filho do rei Leonidas, apenas tomou conta do poder vindo que só pela violencia podia estabelecer a Communa, reuniu o povo, disse-lhe quanto lhe pezava não poder prescindir da força e propoz a *abolição das dividas e a divisão das terras*, dando elle o exemplo com a entrega de todos os seus bens á comunidade.

Solon, primeiro personagem de Athenas, já pelo nascimento, já pela riqueza, já pelo talento e illustração pretendendo na sua constituição estabelecer a *igualdade de fortuna*. Se o não fez, porque a isso se oppuzerão os Aristocratas, abollio ao menos as dividas e estabeleceu a *igualdade politica*.

Os Essenios, os padres Egypticos, os primeiros Gregos, os Liparios, os Christãos praticarão o Communismo.

S. João Chrysostomo, Thomas Morus, os Albigenes pregarão com denodo *communitate de bens*.

A communa de Arbanats, fundada em 1852, graças ao patriotismo de um Canimnista insigne, que ali fundou estabelecimentos communaes, fez rapidos progressos em quatro annos, levando vantagem ás outras communas.

Muitos outros factos pudéramos citar, mas cremos que os apontados devem *satisfazer um pouco* aos adversarios d'esta doutrina, que nada tem de *chimera* e portanto, nada de *impraticabilidade*.

Quem o affirma não é o *louco* que estas linhas escreve; são os philosophos Pagãos, são os philosophos Christãos, os Catholicos, Protestantes, racionalistas, socialistas, monarchistas e republicanos.

faz favor deme dizer, o que annuncia este toque de tambor?

—Annuncia os inglezes, respondeu o marinheiro com a franqueza habitual das pessoas que exercem esta profissão.

—Os inglezes! os inglezes são excellentes pessoas. Foram elles que me derão hontem tres quartas partes da receita da noite.

—Pois olhe que pode ser que hoje lh'a tirem toda,

E continuou o seu caminho para a escada da escotilha.

Atraz d'esse marinheiro passou outro, que levava um braçado de espingardas, depois outro que levava um braçado de machados.

Principiei a suspeitar que estava succedendo alguma coisa extraordinaria.

O barulho ia augmentando, o que me não tranquillizava, quando ouvi pela

escotilha uma voz que dizia:—Antonio, traze-me o cachimbo.

—Ahi va, capitão, respondeu outra voz.

Um momento depois, vi apparecer um grumete com o objecto pedido. Aguarrei-o pela gola do casaco, visto que a sua idade juvenil me permitia essa familiaridade:

—Meu amiguinho, disse-lhe eu, o que se passa lá por cima? Estão a almoçar?

Estão, mas é um almoço exquisito.

Muitos dos que almoçam apanham hoje com certeza uma indigestão de chumbo e de aço. Mas perdão, o commandante está á espera do cachimbo,

—Ah! se elle espera o cachimbo, o perigo não é grande.

—Pelo contrario quando elle pede o cachimbo, é que está muito quente.

—Está quente o que?

—A caldeira grande, que tem rancho para todos. Suba lá acima e verá.

Percebi que era o que devia fazer, mas não era tao facil como isso, por causa do balanço do navio. Enfim, agarrei-me de fórma tal ás paredes interiores, que cheguei á escada. Alli vi-me mais á minha vontade, já me podia segurar ao corrimão.

Deitei a cabeça fóra da escotilha em todas as precauções que a situação exigia. Via quatro gassos o capitão fumando tranquillamente, sentado n'um caixote virado.

—Bons dias capitão, disse-lhe eu com mais amavel sorriso, que pude encontrar. Temos alguma coisa de novo a bordo?

—Ah! é o sr. Louet?

O bom do capitão sabia o meu nome.

—Sou eu mesmo. Estive um pouco doente, com vè, mas vou melhor.

Continúa

Quaesquer que sejam as crenças religiosas ou politicas que possuão reter os individuos n'um circulo de ferro, quando chega a vez de manifestar-se a consciencia, ouve-se de todos os lados este brado solemne—o Communismo é a aspiração nobre dos patriotas, é o unico governo compativel com a civilisação e independencia dos povos, é um passo para a perfeição.

S. José,—Maio 28 de 1879.

PAULINO DE ALBUQUERQUE.

LITTERATURA

A caverna maldita

Novela

POR ***

IX

Quando chegamos à aldeia o relógio da capella tinha dado quatro horas da tarde.

Os habitantes, que estavam affictos com o nosso desaparecimento, assim que me virão, correrão ao meu encontro saber o destino dos outros.

Contei-lhe então o que nos tinha succedida, com horror e lagrimas de todos os meus ouvintes.

Aproveitando a occasião, convidei-os para me ajudarem a vingar a morte dos nossos concidadãos.

Promptamente acceptarão o convite, nomeando-me para o seu chefe.

Fiado nas suas promessas, retirei-me para casa, pedindo-lhes de no dia seguinte reunirem-se no adro da capella, antes do nascer do sol.

O resto d'esse dia foi penoso para mim; de todas as partes da aldeia vinhão novas pessoas saberem noticia dos que me tinham acompanhado.

A resposta que lhes dava era sempre a mesma.

O nosso vigario foi a unica pessoa que não approvou o nosso intento, dizendo que a justiça é quem devia vingar e não nós, que iam assim arriscar nossas vidas.

—Não, replicava eu, a justiça não sente tanto a falta dos que morrerão como nós, e é esta a razão porque queremos vingal-os.

Na madrugada do dia em que deviamos marchar para a caverna, eu, depois de ter-me despedido de minha esposa e dos meus filhinhos, derramando n'essa occasião abundantes lagrimas, dirigi-me para o adro da capella.

Debray, que já lá estava, veio ao meu

encontro, dizendo ter sessenta homens promptos para me acompanharem.

Dividi então esta gente em duas companhias de trinta homens cada uma; commandando uma e dando a outra para Debray, que caminhou na frente por estar pratico do caminho.

Quando chegamos nas margens da cachoeira, onde tinhamos descançado, quando viemos fugitivos, acampamos.

Nesta occasião quiz saber se ainda ardia nos corações d'esses homens o fogo da vingança.

Com effeito, todos esperavão anciosamente o momento de mostrar o valor de seus braços,

Continúa

POESIAS

Os teus olhos

Bellos são, Marilia, os olhos
Com que minh' alma prendeste!
Negros são, são tão formosos!...
Tu com elles me venceste.

Se n'um volver descuidozo
Elles se encontrão c'os meus,
Eu penso ver duas luzes
Da mansão do proprio Deos.

Sua expressão é tão doce
Como é doce o nosso amor...
São bellos, mesmo s'exprimem
Ciumes, zelos, rancôr!...

Se ás vezes fria descrença
Me destróe doce esperança,
E nos mares da incerteza
Não descubro uma bonança.

Basta ver teus meigos olhos
Para fugir-me a afflicção!
Pois que vertem no meu peito
Saudavel consolação!...

Assim, pois, se ha ventura
Para o pobre trovador...
E' o ver esses teus olhos,
E gozar teu puro amor.

Desterro,—Fevereiro de 1855.

GUSTAVO AVELLAR.

A BACCHANTE

POEMETO

POR

HORACIO NUNES

XII

E fóra, a tempestade rollava nos espaços
como medonho chôro de vozes infernaes;
gemia a natureza da dôr nos fortes braços...
lá dentro....angustia e dôres...cá fóra...dôr...não mais!...

XIII

Momentos se-passaram. Na sala, já deserta,
jaz um cadaver livido,—altiva, uma mulher,
que, tremula, um punhal sangrento ao seio aberta
do livido cadaver,—nas ancias de um prazer...

Suberba foi a festa. Depois, a natureza,
n'um manto de negrumes involta, soluçon,...
e a branca Messallina,—surrindo com dureza,—
à tumba fria e muda,—sem lagrymas,—voltou!—

FIM.

Desterro,—1877..

Horacio Nunes

NOTICIARIO

Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Despertador, Regeneração, Conservador, Echo do Paraná, Municipio, Gazeta de Joinville, A Luz, Correio Commercial e o O Povo.

Correio Commercial--fomos obzequiados com o n.1.º deste importante periodico que principiou a ser publicado na côrte á l.º corrente, agradecemos ao illustre collega e dezejamos longa existencia.

Hospede--Esteve ultimamente nesta Capital, onde não vinha ha mais de seis mezes o nosso illustrado patricio, amigo e collaborador Snr. Francisco Paulino da Costa e Albuquerque residente no mucipio de S. José.

Club Litterario--Infelizmente, não pôde ainda ter lugar no domingo a sua installação, sendo necessario adiar-se pela segunda vez.

Talvez hoje se realize esse acto.

Já externamos no numero passado nossa fraca opinião á cerea desta importante sociedade, nada mais cabendo-nos acrescentar.

Lê-se no *O Orbe*, de Maceió:

« Os habitantes da povoação de Sediellos (Portugal) tinham o costume de ouvir todos os annos os sermões de quaesmas pregados pelo revd. padre José da Costa, abbade no Castanheiro.

« Acontecia, porem, que á falta de talento do pregador, ninguem se commovia com a recordação dos martyrios do Crucificado. Imaginou-se então um expediente: Collocaram no forro do templo alguns objectos que rolando, semelhassem o ribombar do trovão; no altar mór, onde se tinha construido um passo do Senhor, havia uma especie de chafariz cuja rotação devia espargir agua por todos os lados.

Enxofre e outros corpos inflamaveis se achavam num canto proximo de modo que, quando o padre rompeu o grito de: acaba-se hoje o mundo pondo-se em acção todo aquelle jogo medonho surgiu infernal gritaria dentro da igreja, as syncopes foram sem conta, e houve pessoas assombradas que ao sahir do templo não poderam atinar com suas casas! »

E' de que precisamos.--

Em Costa Rica o governo expedio um decreto relativo a instrucção publica.

Nelle se diz que desejando o presidente vêr em breve raiar o dia em que não haja um só costariquense de um ou outro sexo que, ao chegar a ter o uso de razao deixe de saber ler e escrever e de ter conhecimentos de arithmetica, historia, elementos de doutrina christã e moral, resolveo estabelecer escolas de instrucção primaria, cujos mestres e auxiliares são pagos pelo thesouro nacional, em todos os pontos mais remotos da republica, de maneira que haja nelles ao menos 30 meninos a quem ensinar.

Inundação desastrosa na Europa.--Lê se *Mosaico Ouro Pretano*. Szegedin, cidade commercial, segunda em importancia na Hungria, situada á margem do rio Theiss, soffreu no mez de Março um grande prejuizo em consequencia do transbordamento do referido rio e do consequente rompimento das immensas barreiras, anteriormente, construidas para protecção da cidade contra semelhantes casualidades.

D'esta vez não supportaram a grande pressão, e a cidade ficou quasi que totalmente destruida. Algumas tres ou quatro mil pessoas morreram afogados, e quasi toda a população, constando de 80, 000 ficaram sem habitação.

Das 9, 700 casas da cidade, só ficaram 261. O espectáculo que ahi se deu n'essa occasião é por alguns dias depois, causava a mais pungente dôr no coração. As aguas entraram durante a noite, pelas duas horas: apagaram a illuminação a gaz, e dentro em uma hora e meia, a cidade toda estava submergida.

Deu-se depois em grande escala, uma emigração temporaria, de maneira que por alguns dias o paiz todo entre Szegedin e Temisvar apresentava o espectáculo de muitas caravanas de povo.

VARIÉDADE

Audiencia de um macaco.

Dous gatos tinham roubado um pedaço de queijo, e não podião entender-se na repartição. Para terminarem o debate, resolverão expôr o caso a um macaco.

Este aceitou com muita ancia a funcção de arbitro que lhe offerecião.

Partiu o queijo em dous pedaços, e trazendo uma balança, disse:

Este pedaço pesa mais do que outro...

No mesmo instante dá-lhe uma dentada, tirando assim um bom bocado, para restabelecer o equilibrio, dizia, elle.

A outra bacia da balança tinha, por

consequencia, ficado mais pesada; o que deu ao nosso consciensioso juiz occasião de dar nova dentada.

—Espere, espere, disserão os dous gatos, que já não estavam contentes com o resultado do processo; dê a faca um de nós, e ficaremos satisfeitos.

—Se estão satisfeitos, a justiça ainda não está replicou o macaco; negocios de natureza tão complicada não se podem julgar ás pressas. E continuou á roer ora um, ora outro bocado, até que, os pobres gatos, vendo que o queijo diminuia cada vez mais, supplicarão ao juiz que não se incomodasse mais com o negocio.

—Não, meus amiguinhos, devo fazer justiça, assim á mim, como vós; o resto do queijo pertence-me como salario de minhas funcções.

Dizendo isto mettu na bocca o resto do queijo e fechou a audiencia.

—Podes emprestar-me 100\$000 ?

—Sinto muito; mas não tenho dinheiro na bolsa.

—E em casa ?

—Estão todos bons, obrigado.

—Grande cousa é não poder morer um homem ! dizia um afamado poeta, pouco favorecido da fortuna.

—Então quem é que não pode morrer lhe perguntarão.

—Sou eu, porque não tenho onde cahir morto.

ANNUNCIOS

Aluga-se

A casa e chacara á Rua de Sant'Anna Praia de Fóra n. 1, para tratar na Rua da Pedreira n. 13.

Advogacia

Dr. João Muniz Cordéiro Tatagiba, com Escriptorio de advogacia e de negocios Administrativos.

Rua do Príncipe N. 2

(CAJUEIROS)

RIO DE JANEIRO

Typ. e Lithographia de A. Marigarda